

**AUTISMO: COMO O COMPREENDEMOS? UMA ANÁLISE TEMÁTICO-  
CATEGÓRICA EM PERIÓDICOS DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**AUTISM: HOW DO WE UNDERSTAND IT? A THEMATIC-CATEGORIC ANALYSIS  
OF SPECIAL EDUCATION JOURNALS**

**AUTISMO: ¿CÓMO LO ENTENDEMOS? UN ANÁLISIS TEMÁTICO-  
CATEGÓRICO DE LAS REVISTAS DE EDUCACIÓN ESPECIAL**

SADZINSKI JUNIOR, Anastácio  
anastaciosad@hotmail.com  
Prefeitura de Guaramirim - SC  
<https://orcid.org/0000-0003-0382-2109>

WUO, Andrea Soares  
awuo@furb.br  
FURB – Universidade Regional de Blumenau  
<https://orcid.org/0000-0003-2110-7184>

LEAL, Daniela  
daniela.leal@unochapeco.edu.br  
UNOCHAPECÓ – Universidade Comunitária da Região de Chapecó  
<https://orcid.org/0000-0001-6293-3779>

**RESUMO** Apesar de as definições sobre o autismo na educação caminharem lado a lado com o entendimento médico, há uma vontade crescente de serem estabelecidas novas concepções na busca por inseri-las sob a ótica do modelo social e da diferença, em contraposição ao modelo atual de déficit. Este artigo objetivou identificar como o autismo tem sido compreendido nas pesquisas científicas em Educação Especial no Brasil. Para tanto, utilizou-se do estado do conhecimento e da análise temático-categórica dos artigos encontrados sobre o tema, em publicações científicas na área de Educação Especial (Revista Educação Especial e Revista Brasileira da Educação Especial). Por meio da análise, observou-se que, de modo geral, a hegemonia do modelo médico prevalece nas produções científicas.

**Palavras-chave:** Autismo. Transtorno do Espectro Autista. Educação Especial.

**ABSTRACT** Although the definitions of autism in education go hand in hand with medical understanding, there is a growing desire to establish new concepts in the search for inserting them from the perspective of the social model and difference, in

contrast to the current model of deficit. Faced with such transformations in the way of thinking, the objective was to identify how Autism has been understood in Brazilian scientific research, especially in the area of education. To this end, we used the state of knowledge and thematic-categorical analysis of articles found on the topic, in scientific publications in the area of Special Education (Revista Educação Especial and Revista Brasileira da Educação Especial). Through analysis, it was observed that, in general, medical discourse continues to be present in scientific productions.

**Keywords:** Autism. Autistic Spectrum Disorder. Special Education.

**RESUMEN** Si bien las definiciones de autismo en educación van de la mano con la comprensión médica, existe un creciente deseo de establecer nuevos conceptos en la búsqueda de insertarlos desde la perspectiva del modelo social y de la diferencia, en contraposición al actual modelo deficitario. Ante tales transformaciones en la forma de pensar, el objetivo fue identificar cómo el autismo ha sido entendido en la investigación científica brasileña, especialmente en el área de educación. Para eso, se utilizó el estado del conocimiento y el análisis temático-categorial de los artículos encontrados sobre el tema, en publicaciones científicas en el área de Educación Especial (Revista Educação Especial y Revista Brasileira da Educação Especial). A través del análisis, se observó que, en general, el discurso médico continúa presente en las producciones científicas.

**Palabras clave:** Autismo. Transtorno del Espectro Autista. Educación Especial.

## 1 INTRODUÇÃO

Antes mesmo de existir um diagnóstico formal e a psiquiatria se constituir enquanto campo da medicina, manifestações do que posteriormente seria denominado como autismo já podiam ser observadas. Como exemplo, há a análise realizada em 1747 pela psiquiatra alemã Uta Frith em um jovem escocês que apresentava como características déficits nas relações sociais, olhar anormal, falta de tato, ecolalia e comportamento obsessivo (WOLFF, 2004). Ou, ainda, em 1912, o uso, pela primeira vez, da palavra autismo, proveniente do grego *autós*, 'si mesmo', pelo médico suíço Eugen Bleuler, para descrever o comportamento de algumas pessoas 'apegadas ao seu mundo interno'.

Posteriormente, no ano de 1926, a psiquiatra ucraniana Grunya Iefimovna Soukhareva<sup>1</sup>, do Departamento de Psiconeurologia Infantil de Moscou, publicou em uma revista científica alemã, a partir de suas observações com um grupo de seis garotos, o artigo *Die schizoiden Psychopathien im Kindesalter* (As psicopatias

---

<sup>1</sup> Também conhecida como G.E. Ssucharewa.



esquizoides na infância, em livre tradução), no qual apresentou a primeira descrição do que seria o 'autismo infantil', descrito dezessete anos depois por Leo Kanner, ou 'psicopatia autista', conforme descrita por Hans Asperger, vinte anos depois (SIMMONDS, 2019).

Não se sabe certamente por que o trabalho de Soukhareva foi negligenciado na história do Autismo: sexismo, russofobia ou rivalidade acadêmica. Contudo, sabe-se que ela mantinha contato com importantes psiquiatras dos Estados Unidos e da Europa que estudavam as psicopatias esquizoides, como, por exemplo, o psiquiatra austríaco, radicado nos Estados Unidos, Leo Kanner – considerado o pioneiro nos estudos de crianças com autismo, especialmente a partir de seu relato sistemático do desenvolvimento do pequeno Donald Triaplett, publicado no ano de 1943.

Durante as duas décadas seguintes ao registro de Kanner, em razão da ânsia do psiquiatra em estigmatizar crianças com autismo, baseado em sintomas isolados, as diversas publicações que se seguiram nos Estados Unidos conduziram a esquizofrenia como diagnóstico daquelas. Isso porque, às crianças com esquizofrenia era dado o diagnóstico de autismo, o que sabemos hoje, revelou certa inconsistência e incongruência nos estudos realizados nesse período (WOLFF, 2004).

Paralelamente aos estudos de Kanner, no ano de 1960, Michael Rutter, psiquiatra libanês radicado no Reino Unido, descreveu diversas características do autismo, evidenciando sua base genética ao observar gêmeos e familiares, identificando também ocorrências de epilepsia em indivíduos autistas. Ao realizar estudo em conjunto com Bartak, os pesquisadores encontraram evidências de abordagens comportamentais para o ensino de crianças autistas.

Posteriormente, Rutter e Pat Howlin conseguiram avaliar um programa para tratamento em casa. A partir de tais estudos, no final da década de 1970, Rutter enfatizou a necessidade de se observar o atraso no desenvolvimento da linguagem e do comportamento social, somado a interesses incomuns de crianças autistas antes dos 30 (trinta) meses de vida (WOLFF, 2004).

O fato é que nas explicações para a etiologia do autismo e as formas de lidar com essa condição, de uma forma ou de outra, aparecem associadas a uma visão psicanalista-mentalista, assim como nas explicações sobre sua etiologia pensadas

dentro de uma visão médica. Por esse motivo, o *status* nosológico e sintomatológico do autismo foi alterado de forma significativa ao longo de 3 (três) décadas.

Como exemplo, no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM-III* publicado na década de 1980, o termo autismo infantil aparece pela primeira vez como entidade nosográfica. Quando foi criada a classe diagnóstica “Transtornos Globais do Desenvolvimento” (TGD), o autismo infantil passou a figurar como uma das subcategorias. Posteriormente, no DSM-3R, em 1987, o autismo foi descrito como uma forma de Distúrbio Global do Desenvolvimento (DGD) grave, com início na primeira infância, apresentando incapacidade de interação social recíproca, incapacidade de comunicação verbal e não verbal, capacidade imaginativa e um repertório de atividades e interesses acentuadamente restritos (APA, 1989).

Em seguida, no DSM-IV o autismo passou a fazer parte dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID), sendo caracterizado pelo desenvolvimento acentuadamente anormal ou prejudicado na interação social e comunicação e um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses (APA, 2000).

Em 2002, apesar do DSM-IV-TR (APA, 2002) mudar a classificação geral de TID para TGD (Transtornos Globais do Desenvolvimento), a definição de autismo se manteve a mesma.

A mudança mais significativa a respeito da definição ocorreu somente em 2013, quando na publicação do DSM-V (APA, 2014) os chamados TGD foram agrupados dentro de um termo “guarda-chuva” denominado Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Nas características diagnósticas do TEA apresentam-se uma díade de padrões comportamentais, composta por alterações na comunicação e na interação social, bem como por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades; sendo atribuídos três níveis de acometimento do sujeito (APA, 2014).

Seguindo essa lógica, pode-se dizer que, “o autismo é frequentemente visto como um problema médico, o que significa que os cientistas tentam entender o autismo principalmente em termos de como o cérebro das pessoas funciona” (O’DELL et al., 2016, p. 166). Ou seja, define-se uma forma de medir o desvio com base na análise de um cérebro neurotípico.

Todavia, contrariando tal arcabouço biomédico, a partir da década de 1970, por meio dos *Disability Studies* (Estudos sobre Deficiência), passa-se a discutir as questões da deficiência e, conseqüentemente, dos transtornos, por meio do chamado modelo social da deficiência. Tal modelo tem como principal objetivo deslocar o foco do impedimento orgânico e patológico para a existência de barreiras sociais que impedem a participação plena na vida social.

Ou seja, para este modelo “o aspecto do déficit/lesão deve ser concebido como uma forma natural de criação humana, parte da diversidade humana, e não como característica indesejada que deve ser curada ou corrigida” (SILVA; GESSER; NUERNBERG, 2019, p. 193).

A partir desta ótica, o autismo passa a ser compreendido como uma variação humana, uma diferença. Cada vez mais as disciplinas das humanidades misturam-se ao universo neurocientífico dando origem à chamada neurocultura, cujo saber “neuro” inunda o entendimento do senso comum (VIDAL; ORTEGA, 2019).

Os movimentos de autistas [, por exemplo] [...] servem-se das explicações cerebrais para destacar a diversidade e a singularidade das conexões cerebrais, muitas das quais são neuroatípicas ou neurodivergentes. Refletem a diversidade do cérebro humano, que não pode ser tratada na polaridade normal/patológico ou doença/cura. (Ortega, 2008, p. 484)

A visão-mundo da neurocultura concebe a experiência humana sob a perspectiva de suas funções neuroquímicas, atrelada a movimentos sociais e políticos em defesa das diversidades e serve como base para a definição de sujeito dentro do Movimento da Neurodiversidade.

Originado nos países de língua anglo-saxã e composto em sua maioria por autistas de alto funcionamento que rejeitam a noção do autismo como um déficit, transtorno ou deficiência, o referido Movimento compreende o autismo como uma expressão natural da variabilidade cerebral humana.

Portanto, o autismo não é considerado como uma entidade que se apossa do sujeito, mas faz parte do sujeito em si; o indivíduo é autista, não tem autismo (ORTEGA, 2008, 2009).

Diante de tal concepção, os integrantes do Movimento da Neurodiversidade se opõem a qualquer forma de tratamento que busque a normalização dos sujeitos autistas, como a proposta pela *Applied Behavior Analysis* (ABA).

Para o Movimento da Neurodiversidade, a ABA ofende o modo de ser autista por meio de pesquisas e testes de rastreio genético. Na mesma linha atuam as associações de pais e fundos de financiamento destinados a encontrarem a cura ou o ‘tratamento padrão ouro’ para o autismo, como é o caso do *Cure Autism Now*, *Defeat Autism* e *Autism Speaks* (Ortega, 2008; 2009).

A partir de tal Movimento, o termo neurodiversidade passou a ser denominado como uma “política de diversidade neurológica” (SINGER, 1999), passando a fazer parte dos movimentos de defesa dos direitos dos autistas em diferentes países. Segundo Armstrong (2012) e Clouder *et al* (2020), a neurodiversidade significa estar conectado de maneira diferente com o mundo, e não de uma maneira errada ou deficiente de ser.

No tocante à pesquisa acadêmica, é no início dos anos 2000 que ativistas e pesquisadores, muitos deles autistas, trouxeram novos modos de compreender o autismo e outras condições relacionadas às funções neurocerebrais que fogem das versões do autismo como doença e tragédia.

Sob a perspectiva das teorias sociais, os estudos críticos do autismo (*Critical Autism Studies – CAS*) emergem com intuito de construir novos paradigmas e compreensões, possibilitando o desenvolvimento de um novo campo do conhecimento como alternativa à hegemonia da perspectiva médica.

Assim, tanto a concepção advinda do modelo social da deficiência como da neurodiversidade a respeito do autismo trazem uma perspectiva que foge à concepção médica, comumente encontrada na definição de autismo. Sob a perspectiva da neurodiversidade, identifica-se que “as características presentes em pessoas autistas deixam de ser tratadas como déficits ou dificuldades e tornam-se parte da identidade autista” (WUO; BRITO, 2023, p. 11).

Diante de tantas transformações no modo de pensar e conceber o autismo, bem como das inquietações suscitadas ao longo da escrita desta introdução, especialmente ao nos contrapormos ao modelo biomédico, que busca normalizar o sujeito, e compreender o autismo como uma característica *si ne qua non* para um determinado sujeito, objetiva-se, com este artigo, apresentar os resultados obtidos em uma pesquisa de método misto, utilizando-se do estado do conhecimento, que buscou

identificar como o autismo tem sido compreendido nas pesquisas científicas em Educação Especial no Brasil.

## 2 METODOLOGIA

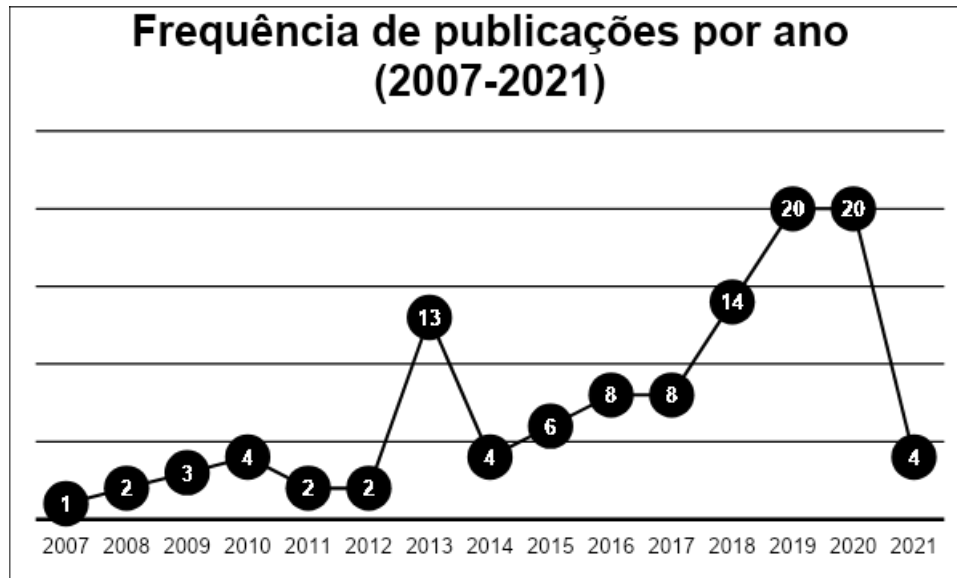
Por meio de uma pesquisa de revisão de literatura de abordagem mista, realizou-se uma análise temático-categórica dos artigos encontrados sobre o autismo em publicações científicas na área de Educação Especial com maior índice Qualis Capes, a saber: Revista Educação Especial - REE (A2) e Revista Brasileira da Educação Especial - RBEE (A1). O objetivo era identificar como o autismo tem sido compreendido nas pesquisas científicas em Educação Especial no Brasil.

Para a realização desse levantamento, utilizaram-se os motores de busca dos próprios *sites* das revistas, com a seguinte expressão booleana: 'autismo OR autista OR TEA'. O critério de elegibilidade foi o autismo como tema central dos artigos e, a fim de captar um maior número de artigos sobre o tema, não se optou por um corte temporal específico para as publicações, cujo levantamento se realizou até abril de 2021.

Na REE foram encontradas 79 publicações. Após a leitura do título e do resumo de cada uma delas, constatou-se que 61 trabalhos tinham como tema central o autismo. Já na RBEE foram encontrados 58 artigos, dos quais 50 atenderam integralmente aos critérios de elegibilidade.

Observou-se que 55% (61 trabalhos) dos artigos selecionados eram da REE e 45% (50 trabalhos) da RBEE. Com relação à periodicidade, a primeira publicação eletrônica voltada ao tema foi veiculada no ano de 2007 pela RBEE, sendo que a partir de 2013 ocorreu um aumento significativo de publicações, em ambas as revistas (Figura 1). Esse aumento pode estar relacionado às políticas públicas direcionadas para o universo do autismo, como por exemplo, a publicação da Lei Berenice Piana (Lei 12.764/12), que confere ao autismo a condição de deficiência, bem como a publicação da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais em 2013 (APA, 2013).

**Figura 1** – Frequência de publicações de ambas as revistas, por ano e número de artigos publicados (2007-2021)



Fonte: Acervo de pesquisa, 2022.

Importante destacar que, durante o período de seleção dos artigos, realizou-se uma pré-análise a partir das palavras-chave desses. Após leitura e seleção, realizou-se o agrupamento dessas palavras segundo o seu caráter semântico, de forma a contabilizar todos os termos e agrupá-los conforme categorias construídas *a posteriori* (Quadro 1).

Essa etapa teve como objetivo captar as temáticas trabalhadas nos artigos sobre autismo no âmbito da Educação Especial. Nesse processo, optou-se por excluir os termos relacionados ao autismo e à educação especial, uma vez que já eram temas centrais dos artigos.

Finalizado o processo de pré-análise das categorias formadas pelas palavras-chave, partiu-se, então, para o processo de Análise de Similitude, utilizando-se o *software* Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*)<sup>2</sup> para estabelecer relações entre palavras a partir dos resumos de todos os artigos.

<sup>2</sup> *Software* gratuito que permite fazer análises sobre *corpus* textuais e tabelas (Brígido; Justo, 2013).





Frequentemente utilizado por pesquisadores que estudam as representações sociais (Brígido; Justo, 2013), a técnica adotada pelo *software* Iramuteq utiliza a teoria dos grafos, que estuda a relação dos objetos em um determinado conjunto.

No caso em tela, estuda-se a relação de determinadas palavras dentro de um corpo textual para inferir os temas de importância em um texto por meio da identificação de concorrências de palavras e de indicações de conexidade entre elas.

A análise de similitude é processada, portanto, por meio de indicadores estatísticos que formam uma árvore de palavras com ramificações a partir da relação que uma tem com a outra, o que permite apresentar um grafo com várias possibilidades de visualização da ligação entre palavras. Neste sentido, os resumos dos artigos levantados foram utilizados como *corpus* de análise.

### 3 O AUTISMO EM PERIÓDICOS DE EDUCAÇÃO ESPECIAL: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com relação à análise das palavras-chave presentes nos artigos, os termos relacionados à nomenclatura do autismo estavam presentes em 16% (n=99) daquelas, enquanto que o termo Educação Especial foi encontrado em 9% (n=52). Ao todo foram encontradas 515 palavras-chave, sendo que dessas, 99 relacionavam-se à terminologia do autismo (TEA, autismo, Asperger) e 52 à educação especial.

Com a exclusão dos termos descritos, a análise das 364 palavras-chave levou à elaboração de quatro categorias, a saber: práticas educacionais escolares, práticas de atendimento especializado, autismo-deficiência e inclusão, as quais são apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 1 - Palavras-chave com maior frequência

Categoria	10 palavras-chave com maior frequência	%
Práticas educacionais escolares	educação infantil, escola, práticas educativas, atendimento educacional especializado, ensino, ensino de leitura, ensino superior, formação de professores, leitura, adaptação curricular.	45%
Práticas de atendimento específicas	ABA, comunicação alternativa, intervenção, avaliação da aprendizagem, equivalência de estímulos, estimulação precoce, instrução com múltiplos exemplares, intervenção precoce, procedimento de observação de pareamento estímulos, adaptação transcultural.	29%



Autismo-Deficiência	Deficiência, deficiência intelectual, distúrbios da comunicação, distúrbios da linguagem, estagnação, estigma, garoto selvagem de Aveyron, crianças típicas, psicose infantil, rejeição por pares.	9%
Inclusão	Acessibilidade, empoderamento, ativismo, inclusão, inclusão escolar, educação inclusiva, inclusão educacional, estudos críticos, inclusão em escolas públicas, política de inclusão social.	17%

Fonte: AUTOR, 2022.

A primeira categoria, práticas educacionais escolares, foi composta por palavras-chave características da prática pedagógica, sendo as mais frequentes: educação infantil, escola, práticas educativas, atendimento educacional especializado, ensino, ensino de leitura, leitura, ensino superior, formação de professores, adaptação curricular.

Essa categoria perfaz 45% do total das palavras-chave analisadas e revela o vínculo da educação de pessoas autistas à escola comum e suas práticas de educação especial, como o atendimento educacional especializado e a flexibilidade do currículo.

Com relação ao nível de ensino, notamos que há artigos que tratam especificamente de educação infantil e educação superior. E, no tocante às questões relacionadas à ensino e aprendizagem, a leitura destaca-se como habilidade mais trabalhada nas produções acadêmicas.

Ao compreender as práticas de atendimento específicas como conhecimentos, intervenções e/ou as metodologias voltadas ao atendimento das necessidades de pessoas autistas, a análise da segunda categoria revelou que as palavras-chave mais expressivas relacionam-se com: a) pesquisas sobre métodos de intervenção; b) práticas clínicas realizadas, em geral, por profissionais da saúde, como a ABA (*Applied Behaviour Analysis*/Análise do Comportamento Aplicada), sobre termos como: 'estimulação precoce', 'instrução com múltiplos exemplares', 'intervenção precoce', 'procedimento de observação de pareamento'; c) pesquisas relacionadas à tecnologias assistivas voltadas à educação especial como a 'comunicação alternativa' e 'adaptação transcultural' de instrumentos de avaliação internacionais.

Perfazendo 29% do total das palavras-chave analisadas, essa segunda categoria revela forte vínculo entre a educação de estudantes autistas<sup>3</sup> e as práticas clínicas advindas de conhecimentos da área da psicologia, em geral relacionadas a intervenções comportamentais ou à aprendizagem, fundamentadas em instrumentos padronizados de avaliação.

A terceira categoria, denominada autismo-deficiência, perfaz 9% do total das palavras-chave analisadas. Nela encontram-se termos que vinculam o autismo ao estigma da deficiência e sua condição de déficit (WUO; YAEDU; WAYSZCEYK, 2019), como: ‘deficiência’, ‘deficiência intelectual’, ‘distúrbios da comunicação’, ‘distúrbios da linguagem’, ‘estagnação’, ‘estigma’, ‘garoto selvagem de Aveyron’, ‘crianças típicas’, ‘psicose infantil’ e ‘rejeição por pares’.

Ainda que menos representativa do que as demais categorias, o uso de termos como distúrbios, psicose e crianças típicas evidenciam a presença do modelo biomédico nas pesquisas.

Finalmente, a quarta categoria, inclusão, representa 17% do total das palavras analisadas e aborda o autismo por meio de termos que evocam a) seu caráter inclusivo, como ‘inclusão’, ‘inclusão escolar’, ‘educação inclusiva’, ‘inclusão educacional’ ‘inclusão em escolas públicas’, ‘política de inclusão social’, ‘acessibilidade’; b) a justiça social, como em ‘empoderamento’ e ‘ativismo’; e c) a busca de novas abordagens de estudo, como em ‘estudos críticos’.

Embora a educação inclusiva, por seu histórico de vínculo à educação especial, poder atrelar-se a perspectivas médicas na compreensão do autismo, a presença de estudos que destacam em suas palavras-chave termos relacionados à justiça social e estudos de perspectiva crítica, indica um distanciamento quanto à compreensão do autismo sob a ótica do déficit e do modelo biomédico.

Com relação à análise de similitude, os resultados estão representados nas três imagens a seguir (Figuras 2, 3 e 4) com a finalidade de identificar com que frequência as palavras relacionam-se no texto (linhas cinza), bem como saber como são criadas as comunidades de relação (círculos coloridos). Deve ser observado que quanto mais

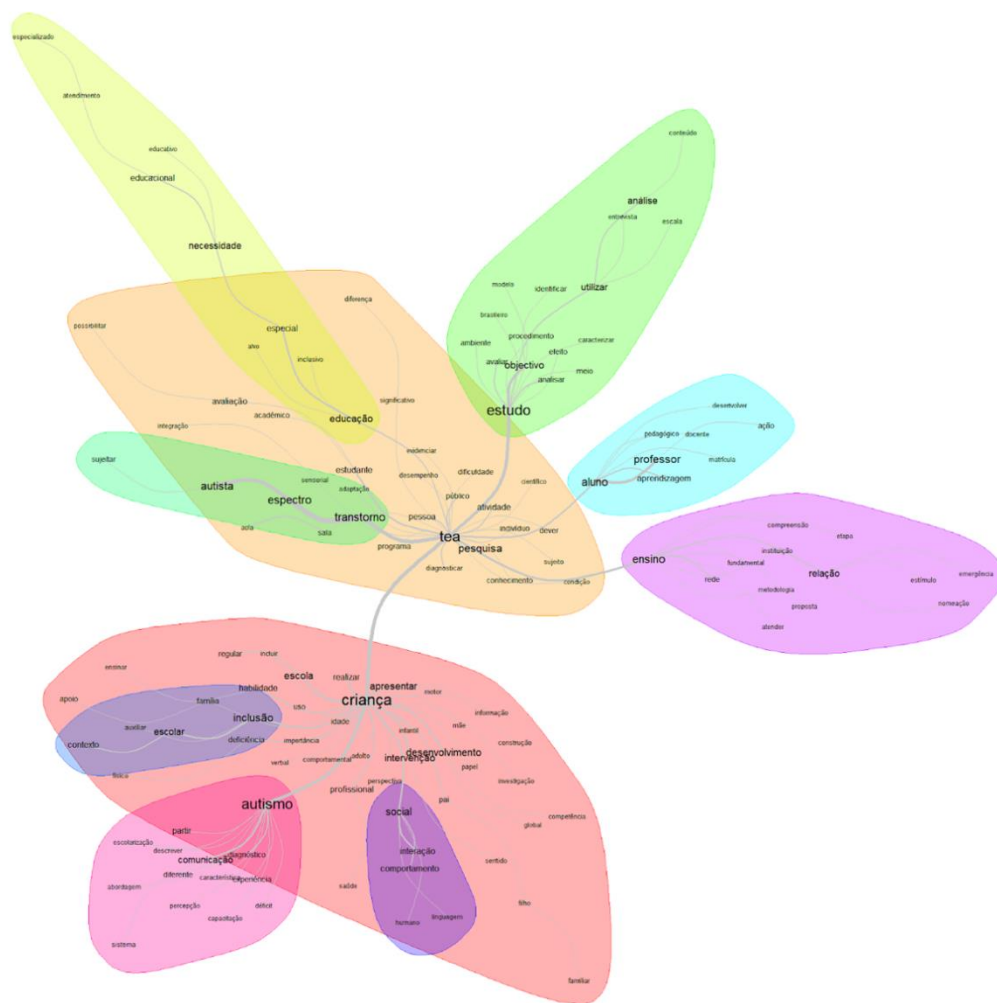
---

<sup>3</sup> Optamos pelo uso do termo ‘estudantes autistas’ em virtude do referencial teórico adotado neste artigo, que concebe o autismo como uma construção social, distanciando-se de uma perspectiva ontológica que o reduz a uma doença (Wuo; Brito, 2023). Dessa forma, o autismo torna-se parte da identidade dos sujeitos.

espessas são as linhas de cor cinza encontradas nas figuras, maior é o grau de conectividade dentro do *corpus* textual analisado.

A exemplo de um quebra-cabeça, a imagem foi cortada em duas partes para facilitar a visualização dos resultados, em conformidade com os padrões de formatação no processador de texto *Word*.

Figura 2 - Análise de Similitudes: figura completa

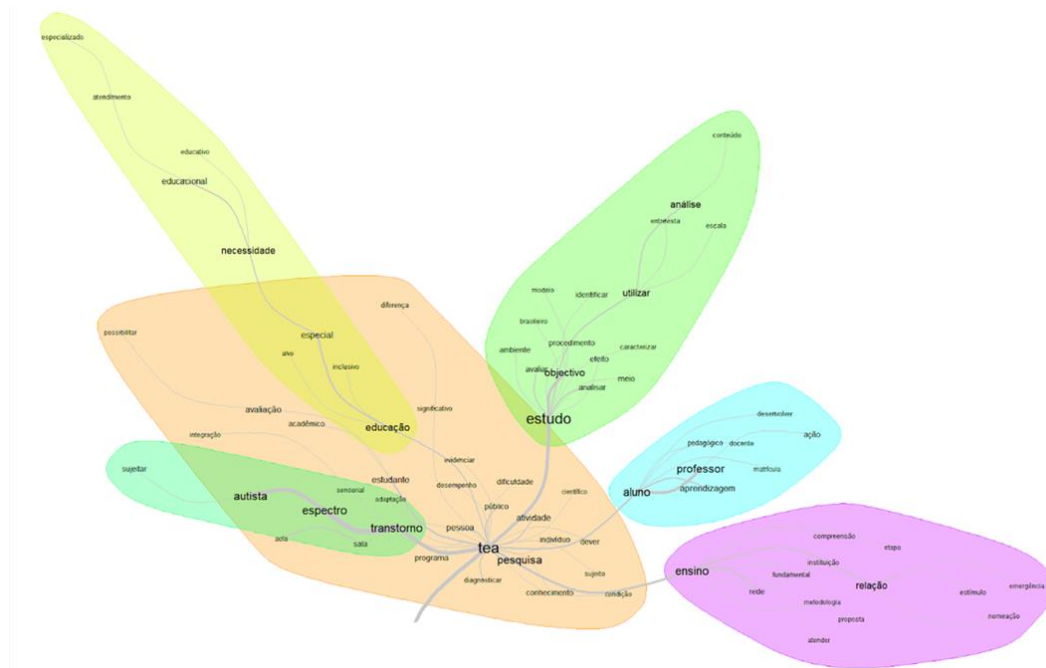


Fonte: Autores, 2023

Como se pode observar, a Figura 2 apresenta a distribuição de termos em dois nodos centrais: TEA (363) e criança (179), ambos representados pelos termos em negrito. O nodo TEA faz intersecção com cinco nodos complementares identificados pelos termos 'estudo' (155), 'ensino' (102), 'aluno' (98), 'educação' (74) e 'transtorno'

(50). Já o nodo criança faz intersecção com três nodos complementares identificados pelos termos ‘autismo’ (110), ‘social’ (95) e ‘inclusão’ (85).

Figura 3 – Análise de Similitudes: nodo TEA e suas conexões



Fonte: Autores, 2023

Na Figura 3, nota-se que as palavras ‘TEA’ (363) e ‘transtorno’ (50) têm forte ligação uma com a outra, relacionando-se também com ‘aula’ (20) e ‘adaptação’ (12), o que denota que boa parte deste nodo é visto por uma perspectiva escolar.

Afinal, se considerarmos a escola como importante espaço para o desenvolvimento de competências sociais e cognitivas das crianças, pensar esse nodo com base em uma perspectiva escolar implica reconhecer que, “apesar da complexidade da inclusão na atualidade é possível verificar que, de alguma maneira, este processo contribui tanto para o desenvolvimento da criança com [TEA] como para seus colegas de turma” (WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020, p. 3).

No nodo complementar ‘educação’ (74), as palavras ‘necessidade’ (61), ‘atendimento’ (17), ‘especial’ (12), ‘inclusivo’ (10) e ‘especializado’ (9) demonstram a relação comumente feita com a Educação Especial.

Porém, questiona-se o significado que o termo ‘inclusão’ assume em meio às temáticas sobre educação de pessoas autistas. Associado às condições específicas

de atendimento, o termo 'inclusão' tende a evidenciar a condição do estudante autista de in/excluído do processo educacional (FABRIS; LOPES, 2016).

No canto direito da Figura 3 o nodo complementar 'aluno' (98) relaciona-se prioritariamente com a palavra 'professor' (90), vinculando-se a palavras como 'aprendizagem' (48) e 'pedagógico' (46), intensificadas por meio do nodo complementar 'ensino' (102) que se associa com termos como: 'relação' (63), 'compreensão' (16), 'metodologia' (12) e 'atender' (11).

Destaca-se, nesse sentido, a importância do professor em “conhecer as raízes da diversidade humana e, assim, aprender a desenvolver e criar uma práxis pedagógica que impulse o desenvolvimento de todos” (CAIADO, 2003, p. 134) para se afastar das representações sobre o estudante autista embasadas exclusivamente na relação diagnóstico – desempenho - aprendizagem.

Ao pensar a relação entre o nodo 'TEA', seus nodos complementares e as categorias de pré-análise construídas inicialmente, observa-se que há uma tendência maior de palavras que se relacionam com as categorias 'práticas educacionais escolares' (7) e 'práticas de atendimento especializado' (5).

Tal relação demonstra a centralidade dos processos de aprendizagem do estudante autista nos estudos analisados, especialmente por meio das palavras-chave 'especializado', 'atendimento', 'educacional', 'educação', 'adaptação', 'ensino', 'professor', 'estímulo', 'aprendizagem', 'procedimento' e 'avaliação'.

Pode-se inferir que tais palavras demonstram a necessidade de modificar tanto o olhar quanto a prática diante de estudantes autistas. Assim, são criados novos procedimentos que promovem aprendizagens significativas e rompem com o olhar hegemônico que se tem a respeito da educação e dos processos de aprendizagem. Afinal, “apesar da existência de alguns aspectos negativos relacionados à inclusão de estudantes autistas, bem como às práticas pedagógicas relacionadas a este processo, verifica-se que existem potencialidades em relação ao processo inclusivo” (WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020, p. 4).

Cabe destacar também que, apesar de ser representada apenas por três palavras, a categoria 'inclusão' também se fez presente no nodo TEA por meio das palavras-chave 'educacional', 'inclusivo' e 'educação'. Isso requer um revisitar sobre as concepções de inclusão e educação inclusiva, principalmente as que apontem para

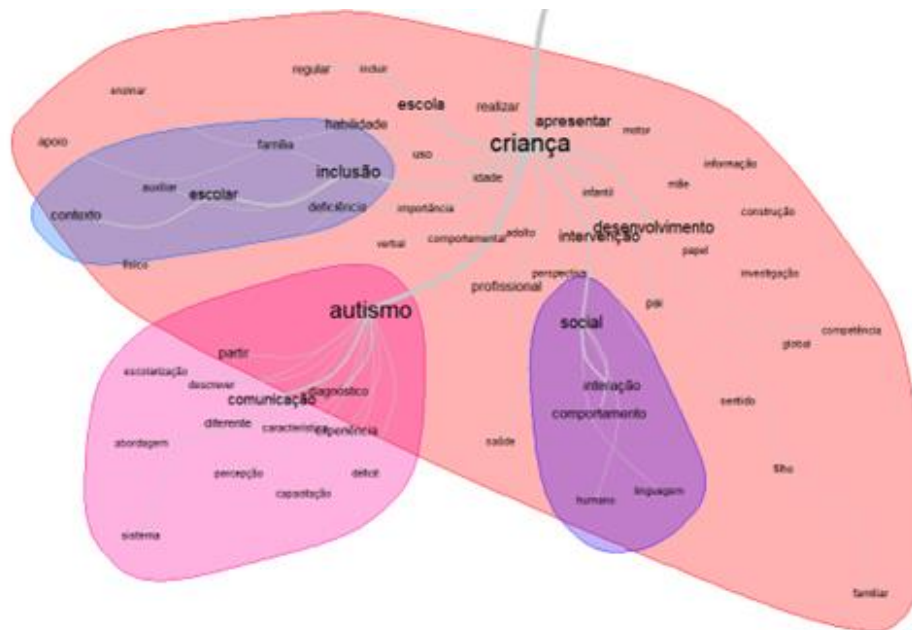
uma perspectiva sob olhar da interação, mediação e relação entre pares como potencializadores de aprendizagem (CARDOZO, 2021).

Além disso, as palavras ‘avaliação’ (39), ‘programa’ (33), ‘dificuldade’ (27), ‘diagnosticar’ (14), ‘possibilitar’ (11), ‘integração’ (10) e ‘condição’ (10) indicam uma compreensão de TEA como uma condição específica que precisa ser melhorada/tratada. Esses dados evidenciam uma tendência à apropriação do modelo biomédico tanto nas fundamentações teóricas quanto nas discussões sobre práticas pedagógicas no *corpus* desta pesquisa.

Em linhas gerais, e diante do que foi apresentado até o momento, pode-se reconhecer que o nodo TEA e seus nodos complementares ‘ensino’, ‘aluno’, ‘estudo’, ‘educação’ e ‘transtorno’ focam nos processos de desenvolvimento e aprendizagem das pessoas com TEA.

Embora existam palavras que ainda se aproximem de forma significativa de uma compreensão do TEA a partir do déficit e do modelo biomédico, foram encontradas palavras que tendem a compreender como as “pessoas autistas se sentem, [reconhecendo] suas potencialidades e [investigando] que tipos de instrumentos precisamos providenciar para garantir a comunicação recíproca e o progresso [dos estudantes] como seres humanos [...]”. (SANTOS; MACEDO; MAFRA, 2022, p. 480).

Figura 04 – Análise de Similitudes: nodo “criança”



Fonte: Autores, 2023

Diferentemente do nodo TEA, no nodo ‘criança’ (179) e em seus nodos complementares, ‘autismo’ (110), ‘social’ (95) e ‘inclusão’ (85), foram observadas palavras relacionadas com: desenvolvimento, autismo enquanto deficiência, intervenções, diagnóstico, dificuldades, relações familiares etc.; em comum, palavras que remetem ao campo da saúde e à condição patológica, em contraponto à condição humana.

Ao analisar a composição da figura, as palavras que aparecem com maior intensidade relacionadas com ‘criança’, são: ‘desenvolvimento’ (75), ‘intervenção’ (71), ‘escola’ (68), ‘comunicação’ (54), ‘comportamento’ (53), ‘interação’ (52), figuras familiares [‘pai’ (32), ‘mãe’ (18), etc.] e ‘dificuldades’ (27), complementadas pelas palavras ‘investigação’ (10), ‘saúde’ (11) e ‘deficiência’ (4).

Apesar dessas três últimas serem em menor quantidade, prevalece a ênfase na necessidade de um diagnóstico que possa “nortear intervenções específicas do tratamento para contribuir com a minimização de agravos e barreiras sociais e com a maior qualidade de vida das crianças e do seu núcleo de convivência” (SILLOS *et al*, 2020, p. 03).

Diante desse cenário, cabe aqui destacar que o nodo ‘criança’ se aproxima de forma significativa da categoria ‘autismo-deficiência’, ao revelar em seu núcleo as



palavras-chave ‘deficiência’, ‘criança’, ‘infantil’, ‘linguagem’ e ‘comunicação’, bem como a palavra ‘intervenção’ presente na categoria ‘práticas de atendimento especializado’.

No nodo complementar, ‘autismo’ (110), apesar de relacionar-se com maior intensidade com as palavras ‘comunicação’ (54), ‘diagnóstico’ (25), ‘sistema’ (17), ‘déficit’ (13), ‘escolarização’ (10) e ‘capacitação’ (10), intensificando a relação entre o autismo e sua perspectiva biomédica, duas palavras ganham destaque: ‘escolarização’ e ‘capacitação’.

No âmbito desse nodo, há relação com a necessidade de formação específica dos professores, pois, como observado nos artigos, “dentre as dificuldades para a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas está a falta de conhecimentos técnicos e instrumentos específicos que ofereçam suporte à prática dos profissionais da educação e às escolas” (OLIVEIRA *et al*, 2021, p. 74).

Atravessada pela comunidade descrita acima, no nodo complementar ‘inclusão’, encontram-se termos relacionados à perspectiva inclusiva da educação especial, como ‘habilidade’ (55), ‘auxiliar’ (13) e ‘contexto’ (46), indicando uma dimensão de possibilidades que superam ou acolhem a condição patológica das dificuldades expostas no nodo ‘social’ (95).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise de similitudes, podemos observar que, de modo geral, o discurso biomédico faz-se presente nos textos, revelando-se na maioria das relações.

Também se nota que as propostas educacionais são atravessadas por esse discurso e utilizam-se dele para formar seu próprio grupo de termos e de intervenções ‘educacionais’ realizadas.

Não foram observados de forma maciça termos relacionados à inclusão para além daqueles voltados às pessoas com deficiência, tampouco estudos que partissem de alguma outra perspectiva como a dos estudos críticos da deficiência ou dos estudos de natureza sociológica.

A invisibilidade de estudos embasados em perspectivas críticas sobre o autismo, bem como nos denominados estudos da deficiência, pode indicar uma



tendência do campo da Educação Especial em se fechar aos conhecimentos do ponto de vista das ciências médicas em detrimento das ciências sociais (CONNOR, 2019).

Por outro lado, a tendência de compreensões que se fundamentam em uma perspectiva biologizante do funcionamento neurológico alinha-se a uma concepção de ser humano como sujeito cerebral (ORTEGA, 2009) desvinculado de suas condições sociais e políticas.

Há, entretanto, linhas de fuga que podem ser vistas na pesquisa pela tímida presença de termos como ‘ativismo’ (1), ‘empoderamento’ (2) e estudos críticos (1) na análise de palavras-chave. Apesar da limitada presença de abordagens que vinculem o autismo à noção de diferença, potencialidade e justiça social, é possível conceber que ideias marginais possam ocupar espaços e criar novas tendências de pensamento em determinados campos de saber.

Por buscar um mapeamento dos artigos em revistas nacionais de Educação Especial, o presente artigo apontou tendências de um objeto de conhecimento que se mostra cada vez mais representativo na área da educação.

Não é demais reconhecer que o modo como se conhece um determinado objeto orienta as práticas educacionais. Assim, cabem às pesquisas da área o desenvolvimento de perspectivas que compreendam o autismo para além do discurso hegemônico da falta, do déficit, buscando novas formas de pensar a educação.

**ANASTÁCIO SADZINSKI JUNIOR** - Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau. Psicólogo na Prefeitura de Guaramirim- SC e Professor do Centro Universitário Leonardo da Vinci - Uniasselvi.

**ANDREA SOARES WUO** - Doutora e Mestre em Educação: Psicologia da Educação (PUC-SP). Professora do PPGE da Universidade Regional de Blumenau. Líder do Laboratório de Estudos em Educação, Diversidades e Inclusão

**DANIELA LEAL** - Doutora e Mestre em Educação: Psicologia da Educação (PUC-SP). Professora Titular do PPGE da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Currículo e Práticas Pedagógicas - PPGE/Unochapecó (CNPq).

## REFERÊNCIAS

- APA. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- APA. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-IV- TR**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- APA. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM- IV** - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- APA. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-III-R**. 3. ed. São Paulo: Manole, 1989.
- ARMSTRONG, Thomas. First, Discover Their Strengths. **Educational Leadership**, v. 70, n. 1, p. 10-16, 2012. Disponível em: <https://www.ascd.org/el/articles/first-discover-their-strengths>. Acesso em: 19 maio. 2023.
- BRIGIDO, Viseu Camargo; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais> . Acesso em: 16 maio. 2023.
- CAIADO, Katia Regina Moreno. **Aluno deficiente visual na escola: Lembranças e depoimentos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- CARDOZO, Paloma Rodrigues. 2021. 116fls. **A inclusão de estudantes autistas no Ensino Fundamental: uma análise a partir da prática pedagógica na perspectiva do afeto**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/9567/2/palomavers%c3%a3ofinalposbanc a.pdf>. Acesso em: 19 maio. 2023.
- CLOUDER, Lynn [et al]. Neurodiversity in higher education: a narrative synthesis. **Higher Education**, v. 80, n. 1, p. 757-778, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/341991983\\_Neurodiversity\\_in\\_higher\\_education\\_a\\_narrative\\_synthesis](https://www.researchgate.net/publication/341991983_Neurodiversity_in_higher_education_a_narrative_synthesis). Acesso em: 19 maio. 2023.
- CONNOR, David J. Why is special education so afraid of disability studies? Analyzing attacks of disdain and distortion from leaders in the field. **Journal of Curriculum Theorizing**, Indianapolis, v. 34, n.1, p. 10-23, 2019. Disponível em: <https://journal.jctonline.org/index.php/jct/article/view/763> . Acesso em: 19 maio. 2023
- FABRIS, Eli Terezinha Henn; LOPES, Maura Corcini. **Inclusão & educação**. São Paulo: Autêntica, 2016.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosas. **Análise de Conteúdo**. 4.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

O'DELL, Lindsay. Critical autism studies: exploring epistemic dialogues and intersections, challenging dominant understandings of autism. **Disability & Society**, London, v. 31, n. 2, p. 166-179, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09687599.2016.1164026?journalCode=cdo20>. Acesso em: 19 maio. 2023.

OLIVEIRA, Letícia Dal Pícolo Dal Secco de [et al]. Transtorno do Espectro Autista: capacitação de professores para atividades escolares em grupo. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 52, p. 74-85, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/psie/n52/2175-3520-psie-52-74.pdf>. Acesso em: 19 maio. 2023.

AUTOR. **Transtorno do Espectro Autista**: compreensões de professores do Ensino Fundamental. 2022. 125 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2022. Disponível em: [https://bu.furb.br/docs/DS/2022/368462\\_1\\_1.pdf](https://bu.furb.br/docs/DS/2022/368462_1_1.pdf). Acesso em: 16 maio. 2023.

SANTOS, Régia Vidal; MACEDO, Eunice; MAFRA, Jason Ferreira. Autismo na escola: da construção social estigmatizante ao reconhecimento como condição humana. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 103, n. 264, p. 466-485, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/JSGZmmfYRmnxkj5Q8Ckzcx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 maio. 2023.

SILLOS, Isabela Ranieri [et al]. A importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. **Revista Atenas Higeia**, Passos, v.2, n. 1, p. 01-08, jan. 2020. Disponível em: <http://atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/19/33>. Acesso em: 19 maio. 2023.

SILVA, Solange Cristina da; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. A contribuição do modelo social da deficiência para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Chapecó, v. 15, n. 2, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/12897/pdf>. Acesso em: 19 maio. 2023.

SIMMONDS, Charlotte. G. E. **Sukhareva's place in the history of Autism Research**: context, reception, translation. 2019. 374 fls. Tese (Doutorado em Filosofia) – Victoria University of Wellington, New Zealand, 2019. Disponível em: [https://openaccess.wgtn.ac.nz/articles/thesis/G\\_E\\_Sukhareva\\_s\\_place\\_in\\_the\\_history\\_of\\_autism\\_research\\_Context\\_reception\\_translation/17136701](https://openaccess.wgtn.ac.nz/articles/thesis/G_E_Sukhareva_s_place_in_the_history_of_autism_research_Context_reception_translation/17136701). Acesso em: 16 maio. 2023.

SINGER, Judy. Why can't you be normal once in your life? From a 'problem with no name' to emergence of a new category of difference. **Disability discourse**, p 56-67, 1999. Disponível em: <https://www.timelinefy.com/events/4182> Acesso em 15 de junho. 2023

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szarecki; ZANON, Regina Basso. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 24, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRyNr53nwF/?lang=pt>. Acesso em: 19 maio. 2023.

WOLFF, Francis. **Nossa humanidade**: de Aristóteles às neurociências. 1. ed. São Paulo: EdUnesp, 2012.

WUO, A.S.; YAEDU, F. B.; WAYSZCEYK, S. Déficit ou diferença? Um estudo sobre o autismo em pesquisas educacionais. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 32, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3131/313158902102/313158902102.pdf> . Acesso em: 19 maio. 2023.

WUO, Andrea Soares; BRITO, André Luiz Corrêa. Autismo e o paradigma da neurodiversidade na pesquisa educacional. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 29, e45911, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/45911/36463>. Acesso em: 19 maio. 2023.

*Recebido em: 27/05/2023*

*Aprovado em: 27/09/2023*